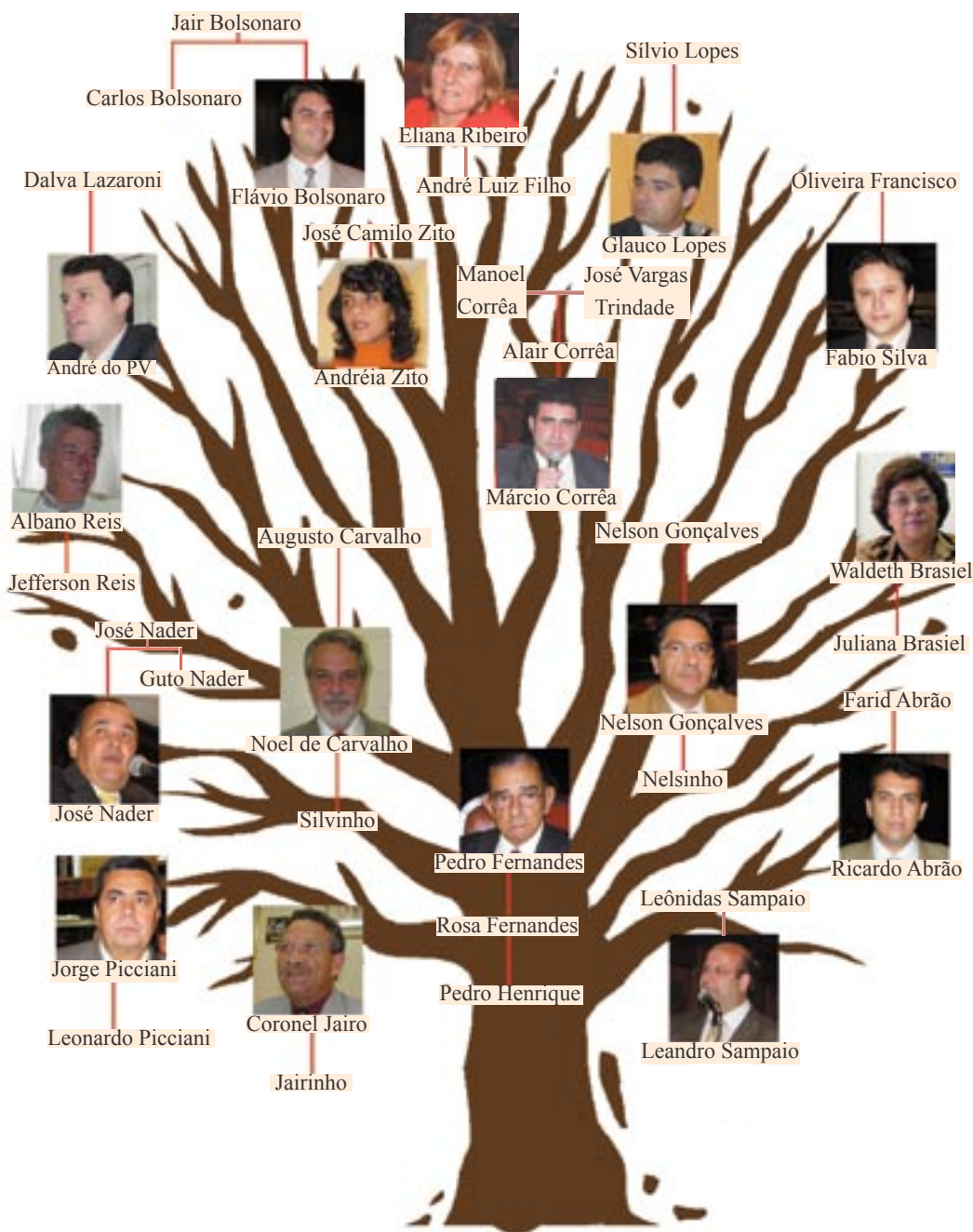


Vocação de pais para filhos

Fotos: Daniela Barcellos, Leandro Marins e Mariana Magro

Alguns até tentam fugir da paixão que a política desperta, mas não raro sucumbem. Outros, de tanto conviver com ela, aceitam a missão de suceder os pais. O fato é que sobrenomes conhecidos na Alerj são encontrados nas campanhas políticas municipais, estaduais e federais. Dos 70 deputados da Casa, 17 são filhos de políticos ou têm filhos que militam na política. “É um caminho natural e que dá uma sensação de que estamos fazendo a coisa certa”, orgulha-se o deputado Albano Reis (PMDB), que lançou o filho Jefferson Reis a vereador na última eleição. Para os filhos, a sensação é a mesma. “Vivemos mergulhados 24 horas na política, é impossível não participar dela”, revela o subprefeito da Penha e Irajá, Pedro Henrique Fernandes, neto do deputado Pedro Fernandes (PFL), que é filho da vereadora Rosa Fernandes e tem planos para suceder o avô na Alerj. O JORNAL DA ALERJ ouviu filhos, que carregam a responsabilidade de dar prosseguimento às idéias dos pais, e os pais, que se orgulham de suas crias. “Atuamos em esferas diferentes, mas carrego comigo características do meu pai”, ressalta o deputado federal Leonardo Picciani (PMDB-RJ), filho do presidente da Alerj, deputado Jorge Picciani (PMDB).

PÁGINAS 4 e 5



*Simpatia e agilidade
caracterizam
telefonistas da Casa*

PÁGINA 2

*A polêmica sobre
o horário eleitoral
gratuito*

PÁGINA 6

*Paulada defende
investimento na
agricultura*

PÁGINA 8

Simpatia do outro lado da linha

TELEFONISTAS SE DESDOBRAM PARA ATENDER O PÚBLICO E AGILIZAR A COMUNICAÇÃO ENTRE OS DEPARTAMENTOS

FERNANDA PORTO

Sete mil. Esta é a média de ligações telefônicas que a Assembléia recebe por dia. Do outro lado da linha, todos os tipos de dúvidas, reclamações e pedidos. Para dar agilidade a essa comunicação, cada uma das quatro telefonistas que trabalham na Casa tem que ter uma quantidade incrível de informações, como, por exemplo, os 650 ramais da Casa de cor. “Nosso grupo é composto por profissionais com 15, 20 anos de Alerj. Mas, no início, foi difícil. “As pessoas que ligam às vezes acham que dar apenas o nome de um funcionário é o suficiente para que saibamos o departamento correto”, ressalta Rosa de Souza, dona da característica voz rouca que atende na telefonia da Casa há duas décadas.

Parte integrante do sistema de comunicações da Alerj, as telefonistas trabalham em duplas divididas em dois turnos. “Mas nosso horário pode variar, caso haja Sessão Extraordinária. Não saímos enquanto houver movimento na Casa”, explica Rosa. Elas são responsáveis pela agilidade das comunicações na Casa. Para alguns, o coração do trabalho no Legislativo. “A Casa não tem como funcionar sem telefonista. Não estaria exagerando se dissesse que 80% do



As irmãs Vani e Eli e, no detalhe, Rosa

movimento da Casa é telefônico”, afirma o diretor da Divisão de Comunicações da Alerj, Almir Padrenosso.

Segundo as telefonistas, tamanha importância não recebe o reconhecimento devido. Algumas se queixam de não serem lembradas como os outros funcionários da Casa. “Ficamos sempre atentas aos discursos de fim de ano dos deputados. Perdi a conta do número de vezes em que peguei o Diário Oficial para ler os agradecimentos a todos os setores e não encontrei nem uma menção ao nosso trabalho”, queixa-se Vani



Lopes, que junto a sua irmã, Eli, trabalha no turno da manhã. “Ainda assim, este é um trabalho que me enche de alegria. É impossível ficar mal quando você trabalha dando bom dia a todo mundo. E me forço a fazer isso da forma mais natural e sincera possível, para poder sentir que ajudo a melhorar o dia dos outros também”, brinca.

Expediente

Publicação semanal do Departamento de Comunicação Social da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro
dcs@alerj.rj.gov.br Tel: 2588-1404/1383

PRESIDENTE:

JORGE PICCIANI

1º Vice-presidente:
Heloneida Studart

2º Vice-presidente:
José Távora

3º Vice-presidente:
Pedro Fernandes

4º Vice-presidente:
Fábio Silva

1º Secretário:
Graça Matos

2º Secretário:
Léo Vivas

3º Secretário:
Acárisi Ribeiro

4º Secretário:
Nelson do Posto

1º Suplente:
Leandro Sampaio

2º Suplente:
Eliana Ribeiro

3º Suplente:
Nelson Gonçalves

4º Suplente:
Rogério do Salão

Jornalista responsável:

Fernanda Pedrosa

Coordenadora:

Fernanda Galvão

Repórteres:

Alfredo Junqueira, Geiza Rocha e Luiz Marchesini

Estagiários:

Andréia Quelhas, Camila Parada, Fernanda Porto, Gabriel Mendes,

Guilherme Costa, Leandro Marins, Leandro Rosa, Mariana Magro e

Ramien Brum

Fotografia:

Daniela Barcellos

Diagramação:

Marcelo Frauches

Coordenação Gráfica:

Aranha / Gráfica Alerj

Montagem:

Bianca Marques e Rodrigo

Graciosa

Tiragem:

2 mil exemplares

FRASES DA SEMANA

“Creio que a Justiça Eleitoral não foi feita para censurar o discurso político. Foi feita para censurar práticas de políticos que tenham dinheiro que não consigam justificar.”

Cidinha Campos (PDT), sobre as campanhas milionárias para vereador.



“Cidadania não se faz com críticas; não se faz com papo furado. Cidadania se faz com ação em favor dos mais prejudicados, pobres ou dos que carecem de uma oportunidade de aprender, para conviver no meio de uma sociedade que precisa cada vez mais de justiça social.”

Samuel Malafaia (PMDB), sobre a importância do trabalho social.

“Os atletas foram vitoriosos, mas não há política estruturante. Não haverá futuro para os atletas paraolímpicos se não houver um desenvolvimento político-esportivo neste País.”

Georgette Vidor (PPS), sobre a participação do Brasil nas paraolimpíadas em Atenas.



Jovens eleitos para a edição 2004/2005 do Parlamento Juvenil posam com os organizadores do projeto, Cléia Martins, Maria Clara e Arlindenor Pedro

Parlamento Juvenil agita Três Rios

FÓRUM DE DEBATES REUNIU COORDENADORES E NOVE JOVENS ELEITOS PARA PARTICIPAR DA NOVA EDIÇÃO DO PROJETO

CAMILA PARADA

O município de Três Rios abriu as portas para receber os políticos do futuro. Durante o último dia 30, nove estudantes eleitos pelas coordenadorias Centro Sul I e II da rede estadual de ensino para participar da edição 2004/2005 do Parlamento Juvenil deram início ao I Fórum Parlamentar Juvenil, discutindo assuntos como segurança pública e cidadania.

Para a segunda edição do projeto, dois jovens parlamentares da região conseguiram a reeleição: Filipe Lavinas, de Três Rios, e Hugo Oliveira, de Areal. Para Lavinas, que na primeira edição teve seus quatro projetos aprovados, a experiência no parlamento contribuiu muito para sua reeleição, pois, além de apresentar seus projetos, pôde explicar para cada eleitor como foi o processo no ano passado e o que aprendeu. “Esse fórum, hoje, é uma boa oportunidade para que os novos eleitos aprendam um pouco como será na Alerj”, defendeu o jovem. A experiência no Parlamento

também foi ressaltada por Oliveira. “Hoje sei que política não é fácil. Graças ao povo, posso continuar lutando por melhorias para a minha cidade e para todo o estado”, afirmou o jovem.

Assim como Filipe Lavinas, para garantir sua reeleição, Hugo Oliveira visitou todos os colégios de

Segurança pública e cidadania foram os temas mais debatidos

seu município, expondo tudo o que aprendeu com o Parlamento Juvenil. “Acredito que guardar isso só para mim é um pecado. Passo este conhecimento para que também outras pessoas se tornem cidadãos críticos e saibam votar certo”, ressaltou.

Os novatos também mostraram voz ativa. Segundo a jovem deputada eleita por Paraíba do Sul, Valéria Aparecida de Melo, a aprendizagem começou durante

a campanha. “Aprendemos a exercer nossa cidadania de forma saudável e justa”, disse.

O evento contou com a participação de dois grupos teatrais de alunos da região e teve como palestrantes o desembargador Cármine Savino, a orientadora em aprendizagem da Coordenadoria Centro I, Rose Irene Corrêa, e a deputada Waldeth Brasilel (PL). Segundo a parlamentar, o projeto é importante porque traz aos jovens o conceito de que política é coisa séria. “Daqui vão sair vários políticos do futuro. Serão vereadores, prefeitos, governadores e até, quem sabe, um presidente da República”, afirmou.

A comissão organizadora do Parlamento Juvenil está preparando um debate entre os candidatos ao terceiro turno da eleição na capital do estado. No evento, os jovens terão a oportunidade de defender suas idéias e responder questões dos alunos presentes. O evento será no próximo dia 18, no teatro Odylo Costa, filho, na Uerj. O terceiro turno, só no Rio, está marcado para o dia 20.

No álbum de família, a política

GEIZA ROCHA E MARIANA MAGRO



“Consegui que minha mãe voltasse à política e se encantasse de novo por ela. Orgulho-me disso.”

André do PV, filho de Dalva, com a filha Anna Luiza



“Meu pai me provou que a política é a melhor maneira de lutar pelo povo.”

Andréia Zito, filha de José Camilo Zito



“Sempre que preciso, peço conselhos a ele.”

Glauco Lopes, filho de Sílvio

“Na minha opinião só existem duas maneiras de entrar na política: uma é tendo muito dinheiro para investir em centros sociais, mas este é um caminho temeroso, porque as necessidades da população são infinitas. Outra é ter um sobrenome. No meu caso, peguei a trilha aberta pelo meu pai. O que tenho que fazer é aparar a grama para que o caminho continue limpo.” A opinião do deputado Flávio Bolsonaro (PP), filho de deputado federal Jair Bolsonaro (PTB-RJ) e irmão do vereador Carlos Bolsonaro (PTB), sintetiza uma situação muito comum na política brasileira: a dos filhos que seguem a carreira dos pais. “No Brasil, a política é vista como patrimônio. É muito mais fácil um político se reeleger do que um novo político ganhar uma eleição. Isto faz parte da formação social brasileira”, explica o historiador Carlos Eduardo Sarmento, do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas.

Entre os deputados da Alerj, constatamos que 17 deles são pais ou filhos de políticos. Coronel Jairo (PSC), Jorge Picciani (PMDB), Albano Reis (PMDB), Eliana Ribeiro (PMDB), Waldeth Brasiel (PL) e Pedro Fernandes (PFL) têm filhos na política. Noel de Carvalho (PMDB), José Nader (PTB) e Nelson Gonçalves (PMDB) são filhos de políticos e já estão formando a terceira geração. Os deputados André do PV, Fábio Silva (PP), Andréia Zito (PSDB), Leandro Sampaio (PMDB), Márcio Corrêa (PMDB), Flávio Bolsonaro (PP), Glauco Lopes (PSDB) e Ricardo Abrão (PP) seguiram a mesma trilha dos pais.

O convívio desde cedo com o mundo da política acabou tornando este caminho natural. “Começamos acompanhando nossos pais, depois participamos de seu governo, tomamos gosto pela política e nos tornamos políticos”, dá a receita o deputado Nelson Gonçalves, filho do ex-prefeito de Volta Redonda Nelson Gonçalves e que apoiou o filho Nelsinho a vice-prefeito daquele município. “Desde que me entendo por gente estou na luta política”, lembra André do PV, que convenceu a mãe, Dalva Lazoroni, a disputar a eleição para vereadora no Rio. “Minha mãe ficou afastada durante dez anos da política. Há um ano comecei a tentar convencê-la de que precisávamos de pessoas como ela para trazer melhorias para o município”, revela o deputado.



como legado de pais para filhos

Fotos Mariana Magro, Daniela Barcellos, Leandro Marins e Arquivo Pessoal

Alguns deputados defendem que a política está no sangue. Quem explicaria de outra forma o envolvimento de todos os filhos, como é o caso da família Bolsonaro, ou ainda dos deputados Márcio Corrêa e Noel de Carvalho, que tinham avôs políticos. Outros, acreditam que a vocação venha da relação que desenvolvem com os pais. “Dos quatro filhos, sempre fui aquele que acompanhava meu pai pelas suas andanças, desde os dez anos de idade. Mas ele não chegou a me ver prefeito”, lamenta o deputado Leandro Sampaio, filho do prefeito Leônidas Sampaio, morto em 1994. O fato é que os mais próximos acabam se tornando políticos. “Todos os meus filhos seguiram outras profissões e participam do meu trabalho, mas o Jefferson sempre foi o mais chegado”, derrete-se Albano Reis.

Em comum, os filhos de políticos guardam por eles grande admiração. “Meu pai é meu ídolo”, afirma Jefferson Reis, que se candidatou a vereador na última eleição. Os pais também revelam o grande orgulho que sentem das crias e vêem neles uma maneira de marcar sua atuação na história. “Acho um erro pessoas que são boas no que fazem se afastarem da vida política. Vendo as qualidades do meu filho, e sabendo que não serei eterno, resolvi colaborar deixando a ele o meu legado. Caberá ao Glauco fazer com que meu trabalho não seja esquecido”, acredita o prefeito de Macaé, Sílvio Lopes (PSDB), pai do deputado Glauco Lopes.

Entre os entrevistados, a busca pela independência de idéias é respeitada. “Durante a campanha presidencial de 1989, meu pai era do PDT e apoiava Brizola. Eu, que sempre tive simpatia pelo PMDB, fazia campanha e distribuía folhetos do Ulysses Guimarães. Acho que meu pai gostava, porque isso demonstrava que eu tinha opinião formada e meus próprios argumentos”, reflete o deputado federal Leonardo Picciani (PMDB), filho do presidente da Casa, deputado Jorge Picciani.

Às vezes, os próprios pais tentam frear a vocação dos filhos. Mas, para o Coronel Jairo, esta é uma missão quase impossível. “Eu era contra meu filho entrar na política, porque sei o que sofremos. Mas, por ele ser médico e conhecer as dificuldades na Saúde, quis se candidatar a vereador”, revela o pai de Jairinho. Outros, tentam discipliná-los. “Procuro ajudá-los a encontrar maneiras práticas de ajudar os que necessitam”, revela o deputado Pedro Fernandes, pai da vereadora Rosa Fernandes (PFL) e avô de Pedro Henrique Fernandes.



“Por ser filho do Papai Noel de Quintino, tenho responsabilidade dobrada. Tudo que sei devo a ele.”

Jefferson Reis, filho de Albano



“Tentamos fugir das discussões sobre política em casa, mas é inevitável.”

Flávio Bolsonaro, filho de Jair e irmão de Carlos



“Temos um projeto político e ele (o avô) está me preparando.”

Pedro, neto de Pedro Fernandes e filho de Rosa

“Temos em comum a postura consciente de defesa do Estado do Rio de Janeiro.”

Leonardo Picciani, filho de Jorge Picciani



EM DEBATE: OBRIGATORIEDADE DO HORÁRIO ELEITORAL GRATUITO

FÁBIO SILVA

DEPUTADO ESTADUAL PELO PP

Democracia plena

A propaganda eleitoral em sua forma atual, com os horários eleitorais gratuitos e regulares, parece constituir uma forma legal e positiva para a superação do obstáculo da seleção política dos meios.

Nas sociedades democráticas, a luta contra o interesse antagônico transforma-se na disputa pela obtenção do consentimento da maioria. Esta, por sua vez, tem na discussão pública e na propaganda os seus elementos fundamentais. A discussão é a exposição pública dos argumentos em favor da posição que se quer defender, numa interlocução socialmente garantida em que todos são convocados a intervir.

A sua “publicidade” é dada pelo fato de que ela é aberta, em princípio, a qualquer concernido, diretamente ou através de seus representantes, e garantida pela existência de espaços públicos institucionais, onde cada parte tem assegurado o seu direito à locução e à intervenção. Nas sociedades modernas, as várias formas de parlamento são a forma institucional encontrada para cumprir esta função. Aqui, a maioria de quem se deve obter o consentimento é constituída pelos parceiros socialmente reconhecidos do debate público.

A propaganda se situa num outro momento do processo, a saber, naquele em que os grupos e sujeitos devem obter a sua legitimação e o seu reconhecimento social como parceiro virtual em qualquer discussão pública. Uma pretensão de validade, um grupo ou sujeito de interesses é considerado válido e admitido legitimamente ao debate público quando uma ampla cota dos cidadãos anuncia publicamente (pelo voto) a sua adesão às posições representadas por tal sujeito ou grupo. Uma das condições essenciais para que esta adesão se verifique é, certamente, a publicização da posição que o grupo sustenta através de idéias, concepções, programas operacionais. Por isso, em tempos de democracia, a propaganda eleitoral se faz importante e essencial para o bom exercício da cidadania.

“Em tempos de democracia, a propaganda eleitoral é essencial”

Mariana Magro



CORONEL RODRIGUES

DEPUTADO ESTADUAL PELO PSC

Não à obrigação

O Brasil é um país que tem uma política essencialmente democrática, onde a forma de Governo e o poder de decisão emanam do povo. No entanto, apesar de o poder de decisão ser exercido pelos cidadãos, a democracia brasileira ainda continua em processo constante de aperfeiçoamento.

Como podemos dizer que vivemos numa democracia, se os cidadãos ainda sofrem influências e pressões? Temos o horário eleitoral, que é obrigatório, e os nossos jovens de 18 anos são obrigados a se alistar no Exército ou em qualquer outro segmento militar.

Ou seja, as pessoas ainda não exercem o poder de escolha na plenitude da democracia. Não podemos obrigar os meios de comunicação (rádio e televisão) a veicular, gratuitamente, as propagandas eleitorais ou qualquer outro tipo de propaganda obrigatória, pois são empresas que vivem da concorrência, e a sua fonte de receita vem das propagandas. Como qualquer outro setor privado, estas empresas têm de pagar os salários de seus funcionários e arcar com outras despesas mensais.

Atualmente, tramita no Congresso Nacional o projeto de reforma política, no qual consta o financiamento público de campanha, podendo dentro desse orçamento

“Os meios de comunicação são empresas que vivem da concorrência”

estar incluído o financiamento de propaganda no rádio e na televisão, que ficariam a cargo de cada partido. A idéia é que eles possam escolher, de acordo com sua conveniência e necessidade,

os horários de veiculação de suas propagandas eleitorais.

Nunca o povo julgou com isenção os seus atos. Inclusive, em relação ao voto, não adianta obrigar o cidadão a votar, se o mesmo acaba anulando o seu voto. Se vivemos numa democracia, o voto deve ser livre. É preciso rever estas e outras questões que, muitas vezes, não são vistas como imposição, pois passam despercebidas. No Brasil, lamentavelmente, quem tem o poder de decisão ainda é o poder econômico, e não o cidadão.

Daniela Barcellos



Rumos da fisioterapia em debate

FISIOTERAPEUTAS E TERAPEUTAS OCUPACIONAIS DEBATERÃO O FUTURO DESSAS CATEGORIAS, EM EVENTO NA ALERJ

FERNANDA PORTO

Pela primeira vez, Fisioterapia e Terapia Ocupacional serão temas de debates na Alerj. As Comissões Permanentes de Saúde e de Defesa da Pessoa Portadora de Deficiência (PPD) irão realizar, no próximo dia 9, o seminário intitulado “Dignidade, Respeito, Valorização e Saúde: Fisioterapia e Terapia Ocupacional”. Idealizado pela deputada Georgette Vidor (PPS) através da observação das demandas desses profissionais, o seminário será focado em aspectos políticos que envolvem a classe. “Já vinha notando há muito tempo a necessidade de esse grupo, composto por aproximadamente 18 mil profissionais no estado, se organizar politicamente. O Ato Médico foi a gota d’água. Esses profissionais devem ter espaço para se manifestar”, defendeu a parlamentar, referindo-se ao projeto em tramitação no Congresso Nacional que assegura apenas aos graduados em Medicina prerrogativas na indicação de tratamentos e na ocupação de cargos de chefia. Para dar mais abrangência à questão, Georgette convidou o deputado Paulo



Georgette, com seu fisioterapeuta, Wendell Bernardes: valorização do profissional

Pinheiro (PT), vice-presidente da Comissão de Saúde, para fazer parte da discussão. “Além de médico, ele é pai de fisioterapeuta. Mais conhecimento de causa impossível”, brinca a deputada, acrescentando que “a participação da Comissão de Saúde é fundamental, já que não é uma discussão relacionada aos portadores de deficiência especificamente”.

O encontro, que contará com a presença dos fisioterapeutas Nilton Petrone – conhecido como Filé – e Ruy Gallart,

terá painéis tratando de políticas públicas para o setor, autonomia profissional, Ato Médico, entre outros temas.

O seminário não é a única iniciativa da comissão agendada para os próximos dias. No mês de outubro, estão marcadas duas audiências públicas. A primeira, no dia 8, tratará da qualificação do professor de educação física em relação ao paradesporto; a segunda, no dia 29, trará para a Alerj a discussão sobre a reabilitação de pessoas portadoras de deficiência no estado do Rio.

CURTAS

SindMúsica no Auditório Senador Nelson Carneiro

Leandro Marins



O auditório Senador Nelson Carneiro abriu as portas para a música no último dia 24. Primeiro participante do SindMúsica, o cantor Beto Sol trouxe para o Parlamento seu repertório repleto de músicas da MPB e animou a platéia. Para a próxima edição do projeto, realizado pelo SindAlerj, é prevista a presença da sambista Vó Maria, viúva do também sambista Noca da Portela. Em novembro será a vez do cantor Cláudio Estevam, funcionário do setor de Áudio da Casa. O SindMúsica é realizado sempre na última sexta-feira do mês, às 18h.

Direitos Humanos

O presidente da Comissão de Direitos Humanos, deputado Geraldo Moreira (PSB), e o deputado Alessandro Molon (PT) estiveram no dia 29 no Morro da Providência, para conversar com testemunhas da operação policial ocorrida no último dia 27, que resultou na morte de Charles Machado da Silva, de 16 anos, e Luciano Custódio Sales, de 24 anos. Durante a visita, os deputados conseguiram convencer uma das testemunhas a prestar depoimento à promotora Dora Beatriz, do Ministério Público estadual.

ENTREVISTA FERNANDO PAULADA

DEPUTADO PELO PSL

'Agora já estou mais à vontade'

GABRIEL MENDES

A tranqüilidade de Itaperuna ficou para trás na vida de Fernando da Silva Fernandes, há cerca de 15 meses, quando o então vereador do município do Noroeste fluminense assumiu na Alerj a cadeira deixada por Marcos Abrahão, cassado por quebra de decoro parlamentar. O recém-empossado deputado Fernando Paulada (PSL) – que recebeu o apelido por conta de uma paulada que tomou na orelha quando apartava uma briga – nem conseguiu sentir o gosto de ser deputado. Vinte e três dias após sua posse, a Justiça determinou a volta de Marcos Abrahão. Começou aí o inferno astral de Paulada, que havia renunciado ao mandato na Câmara Municipal. Ele teve que se desfazer dos bens e passou dificuldades durante os 11 meses que a Justiça levou para cassar a liminar concedida em favor de Abrahão. De volta à Casa há três meses, Paulada começa a se sentir mais à vontade. Ele teve que interromper a entrevista que concedia ao JORNAL DA ALERJ para presidir o Expediente Inicial no Plenário. “Já é a segunda vez que presido a sessão”, orgulha-se Paulada, que elegeu como bandeira a defesa dos pobres.

Na sua chegada à Alerj o senhor ficou pouquíssimo tempo e teve que sair. Como foi esse processo?

Assumi o mandato, fiquei 23 dias e saí com a decisão judicial que garantiu o mandato do Marcos Abrahão. Fiquei 11 meses desempregado, já que havia perdido minha vaga na Câmara de Itaperuna. Foi uma decepção para mim, para minha família e para todo o povo de Itaperuna, que sonhava ter um representante na Casa. Fiquei muito triste, tive que me desfazer dos poucos bens que tinha.

Não houve sentença final da Justiça no



Daniela Barcellos

caso. Como administrar a possibilidade de perder a vaga novamente?

É muito difícil. Eu fico preocupado, mas confio em Deus. Se eu sair, pode ser que tenha alguma coisa melhor reservada para mim. Deus sabe do meu coração aberto para o povo sofrido. Mas, por enquanto, vou fazendo o meu trabalho aqui dentro,

“Devemos criar projetos de incentivo à agricultura familiar”

em defesa dos mais pobres.

Por que o senhor fala tanto em defender os pobres?

Eu conheço a pobreza. Já morei na Favela da Maré e fui criado no interior. O Noroeste fluminense é a região mais pobre do estado e uma das mais pobres do Brasil. Por isso tenho batalhado para conseguir recursos para essa área.

O que o senhor acha dos programas de distribuição de renda?

Os programas são válidos, mas é preciso também dar a vara de pescar. O cidadão tem que ter emprego para conquistar seu próprio salário e ser capaz de produzir seu sustento com dignidade. É preciso conhecer a realidade do interior, para saber que medidas tomar para evitar a fuga dos trabalhadores para as cidades.

Quais seriam essas medidas?

A agropecuária é a salvação do País hoje. As pessoas saem da roça, não conseguem empregos nos grandes centros e acabam virando mendigos ou criminosos. O que nós, legisladores, devemos fazer é criar projetos de incentivo à agricultura familiar, para que elas não tenham que procurar os grandes centros.

O senhor já está se sentindo mais à vontade na Alerj?

Quando entrei, confesso que fiquei assustado. É muita pressão, muita responsabilidade. A abrangência dos projetos que são votados aqui, o número de emendas apresentadas, tudo é muito maior do que na Câmara Municipal. Agora já estou mais à vontade. Dei entrada em vários projetos e estou até presidindo sessão plenária.